Dia 30 — São Paulo, Apóstolo

São Paulo, apóstolo, doutor das gentes e oráculo do mundo, foi judeu, da tribo de Benjamim, e se chamava Saulo. Nasceu em Tarso, cidade célebre da Cilícia, dois anos depois do nascimento de nosso Senhor: por seu nascimento era cidadão romano, privilégio que concedeu o imperador Augusto aos tarsenses em prêmio de sua fidelidade. Seu pai, que professava a seita dos fariseus, enviou-o a Jerusalém, sendo ainda muito menino, para que o educasse e instruísse nela Gamaliel, ensinando-lhe a doutrina da lei e das tradições. Em pouco tempo fez grandes progressos e, sendo um dos mais zelosos partidários da lei, foi por conseguinte um dos mais ardentes perseguidores da Igreja. Muito em breve chegou a ser furor seu falso zelo. Não contente com haver pedido teimosa e encarniçadamente a morte de Santo Estêvão, quis ter o gosto de guardar as capas dos que o apedrejavam. A perseguição que se excitou contra a Igreja em Jerusalém depois da morte do protomártir deu boa ocasião de satisfazer seu implacável ódio a este furioso inimigo dos discípulos de Cristo. Corria a cidade, entrava no templo, registrava as casas e tirava delas com violência quantos criam no Senhor, arrastando-os pelas ruas, metendo-os nos calabouços e carregando-os de cadeias.

Pareciam muito estreitos os limites da Judeia, da Galileia e da Palestina para contentar o fingido zelo deste furioso perseguidor. Respirando sangue, mortes e carnificina dos fiéis, apresentou-se ao conselho, pedindo cartas e requisitórias dirigidas às sinagogas e aos judeus de Damasco, com pleno poder para pesquisar e proceder contra todos os cristãos, para exterminar, se pudesse, aquela recém-nascida Igreja. Partiu para Damasco com amplíssimos poderes, lançando desafios e fulminando ameaças. Já estava perto da cidade quando, pela hora do meio-dia, viu de repente desprender-se do céu uma extraordinária luz, mais resplandecente que o sol, que o rodeou a ele e a todos os que o acompanhavam. Atônitos e atemorizados caíram todos em terra; e, estando Saulo derribado nela, ouviu uma voz que clara e distintamente lhe dizia: «Saulo, Saulo, por que me persegues?» Comoveu-se seu coração ao ouvir tão amorosa como não esperada queixa; e, recobrando-se um pouco, respondeu: «Quem sois vós, Senhor?» «Eu sou Jesus, replicou-lhe o Salvador, a quem tu persegues. Em vão te empenhas em recalcitrar contra mim.» Ao ouvir isto, Saulo, tremendo, turbado e fora de si, exclamou: «Senhor, que quereis que eu faça?» «Levanta-te, respondeu o Salvador, entra na cidade, e ali te dirão o que deves fazer.» Os que o acompanhavam não estavam menos aturdidos que ele: ouviam confusamente a voz, mas sem perceber o que dizia nem ver a quem falava; só Paulo via o Salvador distintamente. Levantou-se do chão, abriu os olhos e achou-se em trevas, de modo que foi necessário que o conduzissem pela mão à cidade, onde esteve três dias inteiros sem ver, sem comer e sem beber.

Neste tempo revelou Deus o que se passava a um dos discípulos chamado Ananias; o qual foi à pousada de Saulo, pôs as mãos sobre ele, restituiu-lhe a vista, instruiu-o suficientemente e

administrou-lhe o batismo.

Assim como jamais houve conversão mais ruidosa, tampouco a houve nunca mais sincera, pois o mais furioso perseguidor de Jesus Cristo passou de repente a ser um de seus mais zelosos apóstolos. Pregava, demonstrava a divindade de Jesus Cristo e confundia quantos disputavam ao Salvador o augusto timbre de verdadeiro Messias. Atemorizou os judeus um pregador de tal caráter; porque, além de estar perfeitamente instruído na Escritura, era de gênio vivo e eficaz, com certo ar de autoridade em tudo o que fazia, que lhe granjeava o respeito e os corações de todos. Sobressaltados os doutores da lei à vista de tão poderoso adversário, perdendo a esperança de reconquistá-lo, tomaram a resolução de desembaraçar-se dele; mas os fiéis o livraram de suas mãos e de seu furor, descendo-o uma noite pela muralha, metido num cesto.

Livre deste perigo, passou a Jerusalém para avistar-se com São Pedro, em cuja companhia esteve quinze dias. Apareceu-lhe Jesus Cristo e mandou-lhe que fosse pregar o Evangelho aos gentios. Partiu a Tarso, de onde fez várias correrias apostólicas às cidades da Síria e da Cilícia, recolhendo, por assim dizer, um grande butim para Jesus Cristo. Enviaram os apóstolos São Barnabé à cidade de Antioquia: achou messe sobeja para um só operário; pediu a São Paulo que se juntasse a ele, e os dois apóstolos trabalharam com tão feliz sucesso que ali foi onde os fiéis começaram a chamar-se cristãos.

Três anos havia que Paulo e Barnabé pregavam em Antioquia com maravilhoso fruto: faziam-se nela com o maior fervor todos os exercícios da religião; eram muito frequentes os jejuns e celebravam-se diariamente nossos sagrados mistérios, quando o Espírito Santo deu a entender aos profetas e aos doutores (que se contavam em grande número) como tinha escolhido a Paulo e a Barnabé para a conversão dos gentios. Jejuaram os fiéis, fizeram oração, ofereceram o divino sacrifício, e o Espírito Santo declarou sua vontade da maneira mais precisa, pois se ouviu uma voz, percebida de todos os assistentes, que dizia: «Separai-me Saulo e Barnabé para o ministério a que os tenho destinado.» Dobraram então os apóstolos tanto os jejuns como as orações; impuseram-lhes as mãos e os enviaram à missão que lhes assinalava o Espírito Santo. Partiram a Selêucia: ali se embarcaram para Chipre, entraram em Salamina, capital da ilha, e pregaram o Evangelho com tanto zelo e com sucesso tão feliz que se converteu a maior parte da cidade.

Tem-se por certo que no princípio desta missão sucedeu o famoso rapto de São Paulo até o terceiro céu, onde o Senhor lhe descobriu maravilhas superiores a toda expressão, dando-lhe a inteligência dos mais escondidos mistérios; mas, para que não o envaidecessem tão singulares favores, como diz o mesmo apóstolo, permitiu Deus que o estímulo da carne o combatesse toda a vida; e, para sujeitá-lo, acrescentou aos trabalhos do apostolado contínuas e rigorosas penitências.

Era então governador da ilha o procônsul Sérgio Paulo, homem prudente e entendido, o qual, logo que ouviu falar nosso santo de Cristo e de sua religião, a teria imediatamente abraçado, se não lho houvesse impedido um judeu chamado Barjesus, por sobrenome Elimas, que quer dizer insigne mago. Acendido nosso apóstolo em santo zelo contra aquele embusteiro, disse-lhe: «Homem malvado, tu estorvas a outros que vejam a verdadeira luz que ilumina todos os que vêm ao mundo, ensinando-lhes o caminho da salvação; pois desde este mesmo ponto a mão do Senhor está sobre ti, e ficarás cego, sem ver o sol, por algum tempo.» No próprio instante perdeu Elimas a vista e

buscou quem lhe desse a mão para andar: milagre que assombrou o procônsul, e este se converteu na mesma hora. Desde então deixou o apóstolo o nome de Saulo e começou a chamar-se Paulo.

Deixaram os apóstolos a ilha de Chipre e, partindo para a Ásia Menor, pregaram o Evangelho em Antioquia da Pisídia, em Perge da Panfília e nas províncias vizinhas. Achando-se São Paulo em Antioquia, pregou Jesus Cristo na sinagoga com tanta eficácia e com tanta moção que todo o povo se mostrou inclinado a crer nele. Sobressaltados os sacerdotes e os doutores da nação, vomitaram mil blasfêmias contra Cristo e se alvoroçaram contra os apóstolos, à vista do que lhes disseram estes: «Vós havíeis de ser os primeiros a quem nós anunciássemos a palavra de Deus; mas, pois sois também os primeiros que a desprezais e por vossa mesma boca vos confessais indignos da vida eterna, vede aqui que a vamos anunciar aos gentios.» Dito isto, sacudiram o pó dos pés e marcharam a Icônio, onde fizeram muitas conversões de judeus e de idólatras, entre as quais se contou a da ilustre virgem Santa Tecla; mas os judeus, que se mantiveram teimosos em sua incredulidade, comoveram o povo tão furiosamente contra eles que estiveram em grande risco de ser apedrejados: alvoroço que os pôs na precisão de retirar-se daquela cidade, e foram-se a Listra, Derbe e outros muitos povoados.

Estando em Listra São Paulo, sarou de repente um homem tolhido desde o nascimento: milagre que obrigou aquela cega gente a tê-lo por deus; e já iam oferecer-lhe vítimas e sacrifícios quando, horrorizados os apóstolos, rasgaram suas vestiduras em sinal de dor e exclamaram que eram uns pobres homens tão mortais como todos os demais e que vinham ensinar-lhes não haver mais que um só Deus verdadeiro, Criador do céu e da terra. Chegaram a Listra alguns judeus que vinham de Icônio e de Antioquia da Pisídia e concitaram o povo de maneira que aquela veneração se converteu repentinamente em popular furor. Descarregou uma espessa chuva de pedradas contra São Paulo; tiraram-no arrastando da cidade e o deixaram por morto fora dela; embora naquela mesma noite voltasse a entrar o apóstolo como pôde; mas ao amanhecer do dia seguinte saiu de Listra para que não se excitasse alguma perseguição contra os fiéis.

Crescia seu zelo ao passo que se multiplicavam os trabalhos e os perigos. Percorreu com São Barnabé a Pisídia, a Panfília, a Atália e grande parte da Síria, ordenando bispos e sacerdotes e fundando igrejas em todas aquelas províncias. Não é fácil imaginar quanto o grande apóstolo padeceu por Cristo naquelas expedições. Ele mesmo dá testemunho de que nenhum outro sofreu mais trabalhos, recebeu mais golpes, tolerou mais cárceres: muitas vezes se viu às portas da morte nos rios, nos caminhos, no mar e nas povoações. Não se podem explicar os perigos a que se expôs da parte dos judeus, dos gentios, dos falsos irmãos, empenhados todos em desacreditá-lo e em perdê-lo, sem estar seguro nem sequer nos mais espantosos desertos. Quantos dias passou sem beber nem comer, e quantas noites sem dormir, exposto a todos os rigores do tempo, sem recurso e sem abrigo! Cinco vezes foi cruelmente açoitado pelos judeus com nervos de bois; duas com varas por ordem dos magistrados das cidades da Ásia ou da Grécia; três vezes padeceu naufrágio; passou um dia e uma noite flutuando entre as ondas do mar, esperando ser tragado por elas a cada momento. Mas no meio de tantos trabalhos São Paulo sempre o mesmo; isto é, sempre mais e mais aceso no amor de Jesus Cristo; sempre mais e mais zeloso de levar seu santo nome a todas as nações da terra. Assombro causa considerar as cidades, as províncias, os reinos e os vastos domínios que percorreu este grande apóstolo, anunciando o Evangelho em todos eles.

Fez três ou quatro viagens a Jerusalém; percorreu, depois que se separou de São Barnabé, todas as igrejas da Cilícia, Síria e Atália. Estando na Licaônia, recebeu em sua companhia seu querido discípulo Timóteo; dali passou à Frígia e à Galácia, onde converteu muitos gentios. Chamado à Macedônia, pregou em Filipos, onde fez maravilhoso fruto; de Filipos transferiu-se a Tessalônica e desde aqui a Beréia e Atenas, onde falou no Areópago, aquele famoso tribunal dos atenienses, declarando com tanta força e com tanta eloquência a divindade de Jesus Cristo, a ressurreição dos mortos e a santidade do Evangelho que se converteram à fé São Dionísio, um dos mais sábios e mais célebres membros daquela academia, uma mulher chamada Dâmaris e outros muitos. Desde Atenas encaminhou-se a Corinto, onde fez mansão perto de dezoito meses, com o consolo de ver florescer e triunfar naquela cidade a religião cristã; crescendo tanto a igreja de Corinto pelo grande número de cristãos que abraçaram a fé que foi um dos mais ilustres reinos de Jesus Cristo nos primeiros séculos.

Mas quanto maiores eram os progressos que fazia o Evangelho, mais tinha São Paulo que padecer. Embarcou-se em Cencreia para voltar à Síria: atravessou a Galácia, a Frígia e outras províncias da Ásia mais remotas do mar; chegou a Éfeso, onde pregou o Evangelho; mas foi expulso daquela cidade pela conjuração de um ourives chamado Demétrio, que sublevou o povo contra o apóstolo, irritado de ver quanto diminuía a venda de suas imagens ou medalhas da Diana de Éfeso pela pregação de São Paulo. Passou pela Macedônia, onde se deteve algum tempo; e, enfim, voltou pela quarta vez a Jerusalém pelo ano de 58.

Vendo-o os judeus no templo, lançaram-se sobre ele e pediram auxílio para prendê-lo. «Este é (diziam) aquele homem que em toda parte prega contra a lei, contra o templo e contra o povo de Deus.» Do templo comunicou-se logo o tumulto à populaça e, concorrendo de toda a cidade, arrojaram-se sobre o apóstolo, arrastaram-no para fora do templo, carregaram-no de golpes e teriam acabado com ele se não tivesse acudido o tribuno Lísias, que mandava a coorte romana; e, tirando-o com grande trabalho de entre as mãos daqueles furiosos, sem mais averiguação nem informar-se do motivo, mandou atá-lo, carregá-lo de cadeias e metê-lo num calabouço. Era tão grande o concurso que os soldados se viram obrigados a subi-lo sobre a escada de pedra que estava à porta do cárcere pela parte exterior. Quando São Paulo registrou dela toda aquela multidão, pediu licença ao tribuno para falar ao povo; e, obtida, referiu publicamente a história de sua conversão; mas, quando chegou ao lance em que Cristo lhe mandou que pregasse aos gentios, começaram os judeus a dar descompassados gritos e a desenfrear-se contra ele como desesperados. Para sossegá-los, mandou-lhe o tribuno que se entrasse na prisão, com ânimo de aplicá-lo a questão de tormento; mas, tendo sabido que era cidadão romano, mudou de parecer e mandou tirar-lhe as prisões. Informado depois de que o alvoroço era sobre ponto de religião, convocou o conselho pleno dos judeus. Apenas abriu São Paulo a boca para falar, o sacerdote descarregou brutalmente em seu rosto uma furiosa bofetada, que o santo sofreu com grande paciência, de modo que a junta ficou como atônita, pasmada e muda, e dali a pouco se dissolveu tumultuosamente. Mandou o tribuno que o voltassem ao cárcere para que a multidão não o fizesse em pedaços. Na noite seguinte apareceu-lhe Jesus Cristo, animou-o, confortou-o e disse-lhe que, assim como havia dado testemunho dele em Jerusalém, era necessário que o desse também em Roma.

Enquanto isto se passava no cárcere, mais de quarenta judeus haviam acudido à casa do príncipe dos sacerdotes, protestando-lhe que não comeriam bocado até que se tirasse a vida a Paulo; e, sabedor de tudo Lísias, dispôs que à meia-noite partisse nosso santo com uma boa escolta para Cesareia, onde se achava Félix, governador da Judeia, fazendo-lhe um exato relatório de tudo o sucedido. Dois anos o teve Félix preso em Cesareia, onde o santo confundiu os judeus em quantas ocasiões se ofereceram e converteu muitos pagãos. Festo, sucessor de Félix, propôs a São Paulo numa junta se queria que o remetesse a Jerusalém para que se sustanciasse e julgasse sua causa; mas o santo, que sabia a conjuração dos judeus, respondeu que não tinha por quê, pois se achava inocente e jamais havia feito mal a ninguém; mas que, afinal, já que sua causa estava no tribunal do César, apelava ao César. No dia seguinte teve outra audiência do governador em presença do rei Agripa, que ficou tão plenamente convencido de sua inocência que disse a Festo que deveria dar-lhe liberdade, se não tivesse interposto a apelação ao imperador.

Prevenidas já todas as coisas para o embarque, São Paulo, seguido de São Lucas e de Aristarco, fez-se à vela para Roma. A poucos dias de navegação levantou-se uma tormenta tão desfeita que não só se viram obrigados a lançar ao mar a carga, mas os mesmos aparelhos do navio; e, continuando a borrasca com a maior violência, chegaram todos a perder a esperança de salvar-se; mas, fazendo oração o apóstolo, conseguiu que ninguém do navio perecesse; e com efeito, dando à costa na ilha de Malta, todos ganharam terra, uns a nado e outros em tábuas, sem que houvesse um que não se reconhecesse devedor da vida ao santo apóstolo.

Receberam os ilhéus os hóspedes com muita humanidade e acenderam fogo para que secassem a roupa: juntou São Paulo um pouco de lenha miúda para avivar mais a chama, sem reparar numa víbora que estava dentro dela, a qual, apenas sentiu a mão, picou o apóstolo com sua fúria natural. Viram-no os bárbaros e persuadiram-se de que aquele homem devia ser algum insigne facínora, a quem perseguia a justiça dos deuses, esperando por instantes que caísse morto em terra; mas Paulo não fez mais que sacudir a mão, e a víbora caiu no fogo sem lhe haver feito o mais leve dano; à vista do que, atônitos os bárbaros e mudando de repente de conceito, começaram a olhá-lo como a um homem extraordinário. Hospedou-o em sua casa o mais considerável da ilha, chamado Públio, romano de nação: tinha enfermo seu pai, e apenas o visitou São Paulo ficou repentinamente são. Com a notícia deste milagre acudiram ao apóstolo todos os enfermos da ilha, e todos cobraram saúde. Depois de se haver detido nela três meses, embarcou-se o santo com seus companheiros, aportou a Siracusa da Sicília, desembarcou em Pozzuoli e partiu por terra a Roma.

Sabedores de sua vinda, os fiéis saíram em tropas a recebê-lo, e já se deixa discorrer a veneração e a ternura com que o fariam. Deu-se-lhe permissão para que andasse livre pela cidade, com um só guarda de vista, e aproveitou-se desta liberdade para instruir os judeus e para confirmar os fiéis na fé. Dois anos esteve em Roma São Paulo, nos quais propagou maravilhosamente o reino de Jesus Cristo, fazendo portentosas conversões até dentro do palácio do mesmo imperador; e, tendo-se justificado plenamente em todos os tribunais, foi despachado absolvido de tudo quanto lhe imputavam. Vendo-se já com inteira liberdade, levou o Evangelho a muitas províncias; e não poucos autores creem haver estado o santo na Espanha. É provável que voltou ao Oriente, não achando descanso nem sequer consolo senão nos trabalhos apostólicos; podendo-se dizer sem exagero que foi um milagre contínuo a vida deste grande apóstolo.

Voltou, enfim, a Roma pelo ano 67 para consolar e fortificar os fiéis na perseguição de Nero e encontrou naquela cidade São Pedro, que também havia voltado a ela depois de várias viagens. Apesar de ser então Roma como o centro de todas as superstições e todos os vícios do mundo, não pôde resistir ao zelo daqueles dois heróis cristãos. Já havia convertido São Paulo a muitos oficiais do imperador e posto no caminho da salvação uma das mais queridas concubinas deste, quando foi preso e metido em prisão, na qual esteve um ano em companhia de São Pedro, até que coroou sua gloriosa vida com uma preciosa morte, recebendo a coroa do martírio. Foram martirizados os dois apóstolos no mesmo dia e no mesmo ano, que foi o 68 do nascimento de Cristo. Diz-se que correu leite em lugar de sangue de sua santa cabeça separada do corpo, e que o verdugo que a cortou, com outros dois soldados, se converteram à vista daquela maravilha. É também antiga tradição que no lugar onde se executou a sentença brotaram três fontezinhas, que se conservam correntes até hoje.

Temos catorze epístolas de São Paulo, nas quais podemos dizer que se contém toda a religião e toda a doutrina cristã; mas deve-se observar que não estão colocadas segundo a ordem cronológica dos tempos. Põem-se as primeiras aquelas que dirigiu a todos os fiéis de alguma particular igreja, e depois as que escreveu a pessoas particulares. A primeira é aos Romanos, escrita de Corinto no ano de 57. A segunda é a primeira aos Coríntios, de Éfeso, no mesmo ano. A terceira é a segunda aos mesmos, da Macedônia, alguns meses depois. A quarta é aos Gálatas, de Corinto ou de Éfeso, no ano de 56. A quinta aos Efésios, de Roma, no primeiro ano de sua primeira prisão. A sexta aos Filipenses, do mesmo lugar e quase com a mesma data. A sétima aos Colossenses, de Roma, no ano de 62, um posterior ao antecedente. A oitava é a primeira aos Tessalonicenses, e foi a primeira de todas as que escreveu, achando-se em Corinto no ano de 52. A nona é a segunda aos mesmos, do mesmo lugar e pouco tempo depois da primeira. A décima é a primeira que escreveu a Timóteo, da Macedônia, pelos anos de 59. A undécima é a segunda ao mesmo, durante sua prisão em Roma. A duodécima é a dirigida a Tito, de Nicópolis, no ano de 64. A décima terceira é a escrita a Filêmon, de Roma, no ano de 61. E a última é a epístola aos Hebreus ou judeus convertidos de Jerusalém e da Palestina, de Roma, pouco depois que recobrou sua liberdade. Em todas estas epístolas, além de conter-se toda a medula da moral e da doutrina cristã, resplandece o terno amor que o apóstolo professava a Jesus Cristo, cujo dulcíssimo nome repete nelas a cada passo.

Martirológio Romano

A comemoração do apóstolo São Paulo.

Em Limoges, na França, São Marcial, bispo, com os dois presbíteros Alpiniano e Austriclíniano, cuja vida foi ilustrada com milagres.

No mesmo dia, São Caio, presbítero, e São Leão, subdiácono.

Em Alexandria, o martírio de São Basílides, sob o imperador Severo. Tendo este santo defendido contra uns homens impudicos a santa virgem Potamiena, a quem acompanhava ao suplício,

recebeu dela a recompensa de seu santo denodo, pois, tendo-lhe ela mesma aparecido três dias depois e posto uma coroa sobre a cabeça, não só o converteu à fé de Jesus Cristo, mas lhe alcançou além disso ser um mártir glorioso sem passar por longas provas.

Em Roma, Santa Lucina, discípula dos apóstolos, a qual, assistindo com seus haveres os santos necessitados, visitava os cristãos encarcerados e se empregava em sepultar os mártires, junto aos quais foi ela mesma enterrada numa abóbada construída por ela.

Na mesma cidade, Santa Emiliana, mártir.

No território de Viviers, São Ostiano, presbítero e confessor.

Na França, em Le Mans, São Bertrando, arquidiácono de Paris, depois bispo do Mans, fundador da abadia de La Couture.

Em Marquienes, na Flandres, a venerável Closinda, virgem, abadessa daquele lugar, irmã de Santa Isoia.

Em Douai, na Flandres, a venerável Prescenda, virgem, da mesma ordem.

Na Lícia, São Paregório, mártir.

Em Cantuária, São Deusdedit, sexto bispo da dita cidade.

Em Pamplona, São Marciano, bispo.

Na Inglaterra, Santa Elgiva, rainha, cuja trasladação se celebra no dia 18 de maio.

Em Salzburgo, Santa Erentruda, abadessa de Nonnberg.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue:

> **Latim:** *Deus, qui multitudinem gentium beati Pauli apostoli prædicatione docuisti: da nobis, quæsumus; ut cujus natalitia colimus, ejus apud te patrocinia sentiamus. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que iluminastes os gentios por meio da pregação do apóstolo São Paulo, suplicamo-vos que nos concedais sentir como protetor junto a vós aquele cuja festa celebramos. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da escrita aos Gálatas.

Gálatas 1,11-20

> **Latim:** 11 Notum enim vobis facio, fratres, Evangelium, quod evangelizatum est a me, quia non est secundum hominem : 12 neque enim ego ab homine accepi illud, neque didici, sed per revelationem Jesu Christi. 13 Audistis enim conversationem meam aliquando in Judaismo : quoniam supra modum persequebar Ecclesiam Dei, et expugnabam illam, 14 et proficiebam in Judaismo supra multos coætaneos meos in genere meo, abundantius æmulator existens paternarum mearum traditionum. 15 Cum autem placuit ei, qui me segregavit ex utero matris meæ, et vocavit per gratiam suam, 16 ut revelaret Filium suum in me, ut evangelizarem illum in gentibus : continuo non acquievi carni et sanguini, 17 neque veni Jerosolymam ad antecessores meos Apostolos : sed abii in Arabiam, et iterum reversus sum Damascum : 18 deinde post annos tres veni Jerosolymam videre Petrum, et mansi apud eum diebus quindecim : 19 alium autem Apostolorum vidi neminem, nisi Jacobum fratrem Domini. 20 Quæ autem scribo vobis, ecce coram Deo, quia non mentior.

Português: 11 Porque vos faço saber, irmãos, que o evangelho, que por mim vos tem sido pregado, não he segundo o homem: 12 porque eu não no recebi, nem aprendi de homem algum, mais sim por revelação de Jesu Christo. 13 Porque vós ouvistes dizer, de que modo eu vivi noutro tempo no Judaismo: com que excesso perseguia a igreja de Deos, e a devastava, 14 e aproveitava no Judaismo mais do que muitos coetaneos meus da minha nação, sendo em extremo zeloso das tradições de meus pais. 15 Mas quando aprouve áquelle, que me destinou des do ventre de minha mãe, e me chamou pela sua graça, 16 o revelar seu Filho por mim, para que eu o prégasse entre as gentes: desde aquelle ponto não me accommodei á carne, nem ao sangue, 17 nem vim a Jerusalem aos que erão apostolos antes de mim: mas parti para a Arabia: e voltei outra vez a Damasco. 18 D'alli, no fim de tres annos vim a Jerusalem por ver a Pedro, e fiquei com elle quinze dias. 19 E dos outros apostolos não vi a nenhum, senão a Tiago, irmão do Senhor. 20 E nisto que vos escrevo, vos digo diante de Deos que não minto.

Nota

«Escreveu o Apóstolo sua epístola aos Gálatas depois de sua viagem a Antioquia e pouco depois de lhes haver pregado o Evangelho. Nesta admirável epístola se explicam os mistérios da predestinação, da vocação dos gentios e de sua união aos judeus, com toda aquela majestade e

dignidade que lhes correspondem.»

Reflexões

Não sendo o Evangelho palavra de homem, mas palavra de Deus, com que respeito, com que ânsia, com que docilidade se deve ouvir, e com que fidelidade se deve obedecer! Não no-lo ensinou algum puro homem; ensinou-no-lo o mesmo Jesus Cristo, homem Deus: ele nos descobriu seus mistérios; ele nos instruiu minuciosamente em sua moral; ele nos explicou sua doutrina; ele nos intimou suas leis. Que erro! Que extravagância forjar cada qual a seu capricho um novo sistema de religião, sem mais consulta que a de nossa limitadíssima razão e nosso capricho! Não nos descobriu o Salvador mais que um só caminho para ir ao céu: loucura é presumir entrar nele por outro. Atormente-se quanto quiser o entendimento humano para achar interpretações que favoreçam o amor-próprio: todas as suas sutilezas e todos os seus artifícios só servirão para lançar pó aos olhos. Nossa lei é o Evangelho: não há outra regra de conduta que suas máximas; nenhuma classe, nenhuma condição de homens está isenta de observá-las; nenhuma idade está dispensada; a nenhuma esfera, a nenhuma qualidade de gentes se concederam privilégios contrários. Sendo, pois, o Evangelho a única regra de nossa conduta, que caminho levam aqueles cuja conduta é tão oposta às máximas de Jesus Cristo? Mas há porventura muitos cujos ditames, cuja conduta e cujos costumes sejam conformes com estas santas máximas? A concupiscência é vício de todas as idades; a inclinação aos deleites antecipa-se ao uso da razão; as paixões reinam com despotismo e com altivez em todos os estados. Confronta com o Evangelho a profanidade, a delicadeza, a ociosidade e os passatempos das mulheres do mundo: confronta com esta divina regra a ambição, a cobiça e a pouca religião da maior parte dos mundanos; confronta com ela a vida imperfeita e sensual de muitos que fazem profissão de devotos. Deus meu, que desproporção tão enorme, que disforme, que monstruosa contrariedade! No meio disso, essas mulheres dissipadas, esses homens entregues a seus gostos e escravos de suas paixões são da religião de Jesus Cristo, esperam o mesmo jornal que os obreiros mais laboriosos, creem o mesmo Evangelho! Pode haver mais vergonhosa contradição de fé, de esperança e de costumes? Verdadeiramente que este é um mistério de iniquidade, mas mistério facilmente compreensível. A costumes tão corrompidos corresponde uma fé desmaiada e quase em agonia. Se as obras são as fiadoras da fé, se são a prova mais concludente dela, quem estranhará já que o erro conte tantos partidários, que a heresia faça tantos progressos, que seja tão curto o número dos escolhidos e tão escasso o dos verdadeiros fiéis de Jesus Cristo?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus, e o mesmo que o dia 11.

Mateus 10,16-22

> **Latim:** [16] Ecce ego mitto vos sicut oves in medio luporum. Estote ergo prudentes sicut serpentes, et simplices sicut columbæ. [17] Cavete autem ab hominibus. Tradent enim vos in conciliis, et in synagogis suis flagellabunt vos : [18] et ad præsides, et ad reges ducemini propter me in testimonium illis, et gentibus. [19] Cum autem tradent vos, nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini : dabitur enim vobis in illa hora, quid loquamini : [20] non enim vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri, qui loquitur in vobis. [21] Tradet autem frater fratrem in mortem, et pater filium : et insurgent filii in parentes, et morte eos afficient : [22] et eritis odio omnibus propter nomen meum : qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.

Português: [16] Vede que eu vos mando como ovelhas no meio de lobos. Sede logo prudentes como as serpentes, e simples como as pombas. [17] Mas guardai-vos dos homens. Porque elles vos farão comparecer nos seus juízos, e vos farão açoutar nas suas sinagogas: [18] e vós sereis levados por meu respeito á presença dos governadores, e dos reis, para lhes servirdes a elles, e aos Gentios de testemunho. [19] E quando vos levarem, não cuideis como, ou o que haveis de fallar: porque naquella hora vos será inspirado o que haveis de dizer: [20] porque não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai he o que falla em vós. [21] E hum irmão entregará á morte a outro irmão, e o pai ao filho: e os filhos se levantarão contra os pais, e lhes darão a morte. [22] E vós por causa do meu nome sereis o ódio de todos; aquelle porém que perseverar até o fim, esse he o que será salvo.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que as paixões são o grande móvel de quase todas as ações da vida: são poucos os que não gemem sob o jugo de sua tirania, e menos os que trabalham por sacudir de si este jugo. Nasceram no seio do amor-próprio, e o mesmo amor-próprio as fomenta. Como são criadas de casa mais antigas que a virtude, preocupam a razão e, quando a vontade lhes quer fazer resistência, alvoroçam-se contra ela; vivem sempre de inteligência com os sentidos e tiranizam a alma: todos se queixam de seu despotismo, mas ao mesmo tempo todos as contemplam: deslumbram com a falsa brilhantez de gostos aparentes; poucos deixam de reparar no laço, mas apenas um deixa de cair nele, e até os mesmos que desconfiam caem na rede atolondradamente. Que mal há no mundo que não nasça desta peçonhenta origem!

Multidão de inquietudes, insaciabilidade de desejos, fundo sem chão de desgostos; turbação nas famílias, guerras nos estados, injustiças, pleitos, querelas, violências, crimes enormes, heresias, cismas, parcialidades: todas as calamidades que cobrem a terra de luto e de amargura, todas são fruto das paixões. Obra sua é, por assim dizer, o inferno mesmo. Até as paixões mais inocentes dão

frutos amargos; e, se duram, degeneram. Não haveria vícios se não houvesse paixões; pois um homem que quer fazer algum uso de seu entendimento e de sua fé há de conceder tréguas a um inimigo de quem deve temer tudo o que é mau, que lhe há de ocasionar tantos dissabores e que o há de precipitar na última desgraça?

A paixão é a que faz guerra à inocência e à virtude desde o princípio do mundo. Quantos profetas antigos perseguiu! A ela devem sua morte muitos que a padeceram cruel: ela tirou a vida ao mesmo Jesus Cristo: esta é a ideia mais cabal do que são as paixões. A paixão dos escribas, dos sacerdotes e dos fariseus foi a que não quis reconhecer o Messias no Salvador; a que o caluniou nos tribunais e a que o pôs numa cruz. Tendo tratado tão mal o Mestre, não se podia esperar que perdoasse aos discípulos: não houve santo que não fosse o objeto do ódio e do furor das paixões; poucos que deixassem de ser vítimas delas. E contudo este é aquele inimigo de quem se desconfia tão pouco; este é aquele a quem se fomenta, se ama, se afaga e se acaricia. As paixões nascem conosco, crescem conosco e, sem se debilitar com a idade, por via de regra acabam conosco. Grande desgraça se nos acompanham até a morte! Andamos brincando com estas feras; mordem sempre quando afagam, e não se sente a mordedura. Mas como não vemos o dano? Como é possível que, havendo tanto tempo que as paixões estão enchendo o mundo de desditas, não nos apliquemos a destruí-las e aniquilá-las?

Segundo ponto

Considera que só com refletir um pouco mais de perto os funestos efeitos das paixões parece que se encontra um remédio eficaz contra elas mesmas. Exterminem-se as paixões, ou domem-se ao menos, e estará tranquilo, descobrir-se-á sempre sereno o céu do coração. De que outro princípio nascem as trevas que se levantam e não só o anuviam, mas de alguma maneira lhe tiram toda a luz? Toda paixão cega; e, quando chega a ser dominante, ela só é a que aconselha, ela a que guia; mas a que erros, a que desordens, a que precipícios! Santo Deus, quantos males se seguem deste princípio!

Mas entre todos os efeitos das paixões nenhum mais violento, nenhum mais funesto que o espírito do erro. Elas são a mãe das heresias: não há mais que percorrê-las todas. Achar-se-ão as mesmas causas e os mesmos efeitos; a paixão as engendrou, a paixão as conservou e nunca sobrevivem à paixão. O orgulho, a ambição, a inveja, a vingança, a luxúria, o interesse, o despeito: esta é a origem de todas as seitas. Por mais que se queira disfarçar a paixão, por mais que se pretextem outros motivos, por mais que se lhes queira supor outro princípio, não há que cansar-se: a paixão deu à luz todas as heresias. Em vão se intenta desnaturalizá-las; não podem desmentir seu nascimento. Embora nem todas nascessem num mesmo tempo, todas nascem debaixo de uma mesma estrela, todas são de um mesmo país, todas de um mesmo gênio. Por isso todas se parecem em muitas coisas: o mesmo fim, o mesmo objeto, os mesmos artifícios e o mesmo espírito. Se a paixão não cegasse o entendimento e o coração, seriam necessários outros discursos para que abrissem os olhos os que buscam a verdade? Em que erros não vivia submerso Saulo, e com que furor não perseguia os fiéis! Com tudo isso ele estava muito persuadido de que tudo aquilo era puro zelo pela lei; foi necessário um milagre para que conhecesse seu erro. Oh, que dificultosas são as conversões desta espécie! Que raras! Que infrequentes! Passado certo tempo,

poucas vezes se corrigem as paixões.

Quem excita a desunião e o cisma nas famílias? A paixão. Reinaria a amizade e a boa inteligência entre muitas pessoas, se se houvesse tido cuidado de domar a tempo este inimigo de nossa quietude e de nossa salvação. Seria doce, seria inocente a vida, se fosse menos imortificada, se desde o princípio se tivesse começado a lutar contra a paixão até vencê-la. Toda a nossa aplicação e todo o nosso empenho deviam dedicar-se a oprimir este inimigo doméstico; mas, longe disso, afaga-se-o, fomenta-se-o e nos familiarizamos mais com ele cada dia.

Dai-me, Senhor, tão claro e tão vivo conhecimento da malignidade das paixões e das desditas que causam, que não cesse com vossa divina graça de combater contra este inimigo mortal de minha eterna salvação. Resolvido estou a aplicar-me a tão necessária luta o resto de minha vida, penetrado de uma viva e sincera dor de haver vivido até aqui escravo de minhas paixões.

Jaculatórias

> *Libera me de sanguinibus, Deus, Deus salutis meæ, et exsultabit lingua mea justitiam tuam.* Sl 50.

Ó Deus, esperança única de minha salvação, livrai-me das paixões que me tiranizam, e perpetuamente exaltarei vossas misericórdias.

> *Dirupisti vincula mea, tibi sacrificabo hostiam laudis.* Sl 115.

Espero, Senhor, que rompereis os grilhões das paixões que me têm aprisionado, e oferecerei em agradecimento sacrifício de louvores a vosso santo nome.

Propósitos

1. São as paixões, como se disse, o grande móvel das ações humanas, ou da maior parte delas: poucos se livram de sua tirania; são o sepulcro do espírito e as tiranas do coração; nascem conosco, e desditoso aquele que não sobrevive a elas. São tão inimigas de nosso repouso que, por assim dizer, não sossegam elas enquanto não nos veem cheios de turbação. Nada as tranquiliza, porque nada as contenta: seu assunto é consumir e dessecar a alma com mil inquietudes, desgostos e pesadumes. Não há idade isenta delas. És menino? Pois as paixões são as molas que fazem mover essa pequena máquina. És jovem? É a idade em que elas reinam com maior vigor e com maior império. És homem maduro? Nunca mais fortes que então: é verdade que a reflexão

modera talvez os ímpetos e o fogo, mas o veneno não o extrai. Retiram-se as mais aturdidas para ceder o lugar às mais perigosas: não são as menos temíveis aquelas que fazem menos ruído: uma malignidade dissimulada e taciturna assegura tanto mais o golpe e é tanto mais nociva quanto é menos descoberta: a velhice debilita as forças do corpo e do espírito, mas não as das paixões. Esta é uma lição muito importante para ti. Tens trabalhado muito até agora em vencer e em domar esses antigos inimigos teus, que se te fizeram domésticos e familiares? De onde nascem essas misérias, essas aversões, essas invejas, esse mau humor, esses arrebatamentos, essa ambição, essa concupiscência, essa pouca devoção e até pouca religião? De onde essa inquietude, esse desassossego, essa turbação e tudo o que tanto te faz gemer interiormente? Tuas paixões te tiranizam: perdoaste-as, lisonjeaste-as, consentiste-as e acariciaste-as, e agora te dão o pagamento. Tratam-te como a escravo, e lhes serás devedor de tua eterna desdita. Toma hoje uma eficaz e generosa resolução de sacudir desde logo tão vergonhosa servidão; ou elas te hão de perder, ou tu as hás de exterminar; para isso tens em tua mão todos os auxílios necessários, e estas mesmas reflexões são os melhores fiadores desta verdade.

2. Ataca desde este mesmo ponto tua paixão dominante. É a cobiça ou a avareza? Pois paga hoje mesmo a teus criados, satisfaz a teus oficiais e, além disso, dá alguma esmola. É a inclinação ao jogo? Propõe abster-te dele num mês inteiro. É o amor ao regalo, à comodidade e à delicadeza? Impõe-lhe alguma mortificação particular que repitas algumas vezes cada semana. É o mau humor ou a cólera? Deixa-te consumir antes que descompor-te. É a inveja e a vaidade? Estuda em louvar a todos e jamais te descuides em expressão que possa redundar em louvor próprio. É a paixão da vingança? Hoje mesmo hás de buscar teu inimigo, hás de perdoar-lhe de coração, e esta vitória te livrará dessa escravidão. Talvez tenha Deus como vinculada tua salvação a esta generosidade; e desde logo te prognostico que experimentarás o consolo e a doçura de uma ação tão valorosa.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:46 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:46 by Admin